

LIBYCA - SERVICES DES ANTIQUITÉS DE L'ALGERIE - BULLETIN DU SERVICE DES ANTIQUITÉS - ARCHÉOLOGIE - EPIGRAPHIE - tome VIII 1 semestre 1960

GABRIEL CAMPS - *AUX ORIGINES DE LA BERBERIE MASSINISSA OU LES DEBUTS DE L'HISTOIRE*

PRIMEIRA PARTE - OS AFRICANOS ANTES DE MASSINISSA

C. Tipo de vida e organização social a partir da Arqueologia: dificuldades da arqueologia proto-histórica norte-africana. A falta de uma cronologia.

Dados linguísticos e etnográficos permitem confirmar a antiguidade da agricultura na África do Norte. Já a arqueologia proto-histórica permite a verificação da existência de populações sedentárias, assentadas fora do território púnico. Permite também provar que estas populações estavam organizadas socialmente e que, ao contrário do que se acredita, estas populações não eram uniformes culturalmente, ao menos não no que toca os ritos funerários.

Entretanto, o único objeto de estudo da arqueologia proto-histórica no Norte da África são os monumentos funerários. Esta prática reside sob um postulado frágil: de que os monumentos, os objetos e os ritos funerários refletem fielmente a vida das populações. Na verdade, os ritos funerários seguem apenas muito lentamente a evolução de um povo e apresentam, por si só, um caráter arcaico que não deve jamais ser subestimado. As próprias fórmulas de epigrafia funerária evoluem muito lentamente.

Infelizmente, os locais de moradia proto-históricos são desconhecidos, ou então, são de difícil identificação no meio de ruínas sem características, de todas as épocas (de época romana até muitos séculos anteriores), que, por comodidade, são designadas como ruínas berberes.

“Permanência berbere” trata do fato de que as técnicas de construção, que convinham a populações rurais simples, não evoluíram significativamente ao longo dos séculos, o que dificulta a diferenciação por períodos.

Por exemplo: a cerâmica berbere manteve tal unidade na sua confecção que não se consegue identificar entre um fragmento de Massinissa e um feito a menos de um século atrás. O mesmo ocorre para a decoração dos vasos. Deste modo, o documento que mais aparece nas escavações só pode ser datado a partir de seu contexto de achado, ao invés de servir ele próprio para datar as camadas. Assim todas as datações de monumentos proto-históricos que se tentou fazer, a partir dos objetos neles encontrados, foram fracassadas.

Entre o abandono do corte do sílex pelos últimos neolíticos e a introdução dos primeiros objetos cartagineses e romanos no mundo rural berbere, séculos se passaram para os quais não se tem documentos datáveis. Exceções podem aparecer quando se utiliza, para o oeste do Magreb, e quase sempre apenas no litoral, fragmentos da civilização do vaso campaniforme vindos da Península Ibérica ou então, o que é ainda mais raro, armas de bronze das quais as gravuras do Alto Atlas conservaram as imagens. Mas estas instâncias não são frequentes. Na maioria das vezes, a arqueologia data os sítios e os monumentos a partir dos primeiros documentos datáveis, do período histórico, que encontram. Por exemplo: os dólmenes são datados do séc. III por conta de moedas e outros objetos históricos, sem levar em conta objetos não datáveis. O fato de não se ter encontrado documentos que possam ser datados anteriormente ao século III, prova apenas que os objetos púnicos penetraram com extrema lentidão no interior africano e que vários séculos passaram entre o momento quando os colonos tírios se estabeleceram no litoral africano e quando os africanos passaram a aceitar suas mercadorias.

É certo que durante o “milênio” cartaginês a população norte-africana fosse composta de rurais e de nômades. Assim ficou ao longo da história, entretanto, o número de cidadãos era infinitamente menor do que hoje em dia. Do lado de fora das cidades fenícias e daquelas fundadas por Cartago, no litoral e nas ilhas costeiras, existia, portanto, cidades nômadas, das quais os textos fazem menção, ao longo dos dois últimos séculos de Cartago. Entre os mouros, Banasa, Tamuda e Volubilis existiam desde o século III a.C. Mas estas cidades indígenas, mesmo que fossem o ato de algum príncipe em busca de uma capital, não passavam de vilas ou pequenas praças-fortes. Os vestígios destas “cidades” que não foram recobertos pelas construções romanas ou muçulmanas não se distinguem das ruínas berberes.

Necrópoles proto-históricas e zonas de cultura de cereais

“Civilização rural berbere” teria sido aquela existente antes de os antecessores de Massinissa. A cerâmica encontrada nas ruínas é igual a de algumas populações berberes atuais, que por sua vez têm uma cerâmica muito diferente da dos nômades. Assim, os modos de vida dos antigos berberes se assemelharia ao dos atuais sedentários.

As necrópoles encontradas dividem-se em grupos. O primeiro concentra-se numa área que forma um triângulo: do golfo de Hammamet, na Tunísia, ao sul de Némencha, na fronteira algero-tunisiana, até o Cabo Chenoua, a oeste de Alger. Nesta região são 38 necrópoles, das quais algumas revelaram mais de uma centena de vasos. Afora algumas exceções, as necrópoles se concentram no limite meridional da zona de cereais, estabelecida por J. Despois. Os espaços em branco deixados no mapa de localização das necrópoles correspondem justamente a áreas desérticas.

Por outro lado, os muitos túmulos encontrados e escavados ao sul dessa linha meridional não trazem cerâmica. Por outro lado, os vasos encontrados nos monumentos apresentam as mesmas características dos vasilhames das populações sedentárias atuais: as tumbas que apresentam essas vasos, com apenas 4 exceções, encontram-se dentro da zona de cultivo de cereais secos. As populações que fabricavam e depositavam estes vasos em seus túmulos eram sedentários, trabalhadores, e comedores de trigo. Exatamente como dizia Hecateu de Mileto.

Necrópoles anteriores ao século III

Algumas destas são contemporâneas da época romana. De uma minoria foram reveladas cerâmica feita no torno, as outras foram ou violadas ou reutilizadas. De qualquer modo, se formos nos basear apenas nas cerâmicas modeladas, temos uma data para além do século III a.C. Alguns tipos de vasos encontrados são datados dos séculos IV-III a.C. Para antes deste período, as trocas entre líbios e fenícios não nos deixaram nenhum traço.

Por outro lado há toda uma série de necrópoles, situadas na região púnica, e que ficam perto de necrópoles tanto púnicas quanto romanas, que não revelaram cerâmica modelada, e além disso, algumas destas necrópoles possuem corredores, o que significa que são até anteriores ao século III. Há ainda outros exemplos com achados de bronze e cerâmica modelada.

Já a cerâmica pintada, que aparece em algumas necrópoles, teria suas origens na cerâmica sícula (Sicília) da Idade do Bronze e do começo da Idade do Ferro.

Na proto-história houve, portanto, construtores de dólmenes e de “bazinas” predecessores ou contemporâneos dos cartagineses. Eles já ocupavam as regiões “proveitosas” da Berberia e cultivavam

cereais. Também havia criadores de gado, o que não significa necessariamente nômades e caçadores - citados amiúde pelos autores gregos. É preciso fugir do clichê do nômade mouro, vestido com uma pele de pantera ou leão, às vezes de urso, como afirma Estrabão (XVII, 3, 11).

Cerâmica funerária e meios de vida

A cerâmica modelada, encontrada nas necrópoles, abrange diversos tipos de vasos com funções diferentes, apesar de que quase todas devam ter sido modeladas e cozidas para serem depositadas nas sepulturas. Há, então, vasos rituais, objetos votivos, e os vasos ordinários. Entre os de uso cotidiano há: tigelas, pratos e taças.

As tigelas são as mais comuns, servem para se alimentar com líquidos, diretamente ou com o uso de colheres de madeira, etc. e são a unidade elementar das cerâmicas kabília, marroquina e tunisiana. As peças fabricadas hoje em dia são idênticas às usadas na proto-história.

Para os alimentos sólidos tem-se os pratos (*tebsi*), que aparecem em duas formas: uma de forma mais troncônica e a outra mais rasa. As duas são encontradas nas sepulturas proto-históricas, sendo que a 1ª mais raramente. A 2ª forma aparece muito em Gastel, e algumas peças têm um pé bem curto, que desapareceu dos pratos atuais. Há ainda uma 3ª forma, que é encontrada também em Gastel, maior e com um “umbigo” anular em seu fundo. Seriam pratos usados para cozinhar (os atuais *tadjin*). Um dado a mais para o uso no fogo é o fato desta forma de prato não trazer decoração.

Entre as taças, que são encontradas em vários formatos e tamanhos, um tipo específico foi encontrado em três necrópoles (Gastel, Magraoua e Dar bel-Ouar): sua forma aproxima-se bastante de uma forma bem conhecida de cerâmica modelada atual, o *methred*, que é o equivalente da nossa fruteira com pé.

Uma outra característica importante é a existência de perfurações paralelas, na maioria das vezes nas bordas, mas também nos pés. Acredita-se que serviam para se pendurar na parede, como forma de estocagem do material. Atualmente, nas casas rurais do Marrocos setentrional, da Tunísia, da Argélia é possível ver-se todos os vasilhames pendurados nas paredes.

Assim, uma grande quantidade de taças, potes com alças, pratos, jarros, vasilhames com bicos, são encontrados nas sepulturas, mesmo que suas dimensões fossem diferentes quando fabricados para uso cotidiano, as formas reproduzidas são, com certeza, as mesmas das de uso diário. O interessante é notar que os vasilhames atuais são extremamente parecidos com os da Antiguidade. A exceção acontece para três formas específicas que não encontram paralelo contemporâneo: são os vasos com filtro de Tiddis (com o filtro na metade de seu orifício) e de Gastel (com filtro na pança do vaso. Este vaso parece que ia direto à boca - e eles aparecem também na região de Maktar, na Tunísia, e em Magraoua). O protótipo destes vasos aparece na Itália meridional, na Idade do Bronze. Acredita-se que fossem vasos usados para a fabricação de mel. Apenas um braseiro é conhecido, e ele foi encontrado em Gastel. Ele (com seus três cornos) é idêntico aos usados atualmente (os *kanoun*) e aos usados pelos púnicos.

O uso da etnografia e da arqueologia juntas é muito mais produtivo do que tentar seguir as informações dadas pelos autores antigos. A análise dos vasos encontrados nas sepulturas e sua comparação com objetos atuais permite verificar a existência de uma grande quantidade de objetos cotidianos e permite a visão de uma sociedade que plantava cereais, os cozinhava e portanto era muito mais desenvolvida do que afirma Políbio, por exemplo. Esses agricultores, a partir do fim do neolítico, deveriam se concentrar, particularmente, no leste da Argélia, ou seja no coração do que seria o reino de Massinissa, isto é, uma área onde se podia cultivar cereais sem irrigação.

adornos, vestimentas e armas

Os objetos funerários não cerâmicos não trazem informações sobre os modos de vida, com exceção de alguns vasos de madeira encontrados em sepulturas cuja localização meridional permite atribuí-los aos nômades. Esteiras e espartarias (cestas e cordas feitas com a planta medicinal esparto) encontrados raramente neste mesmos monumentos revelam um mesmo tipo de vida. Os objetos de adorno em metal (braceletes, anéis, etc.) eram usados tanto pelos nômades como pelos sedentários: eles são encontrados igualmente por todo o Magreb. As pérolas de pedras semi-preciosas (sobretudo cornalinas) ou em vidro são mais comuns em tumbas das quais não se recuperou cerâmica (ou seja, de nômades). Os ovos de avestruz, conhecidos desde o capsense e “desenvolvidos” no neolítico, não são encontrados de maneira alguma nas sepulturas com cerâmica; os fragmentos destes ovos só são encontrados nas sepulturas púnicas e nas necrópoles sem cerâmica, com exceção de Gastel e de Aïn el-Bey, onde as influências púnicas são particularmente fortes (onde vasos feitos no torno e microcerâmica prevalecem).

tecidos e peles

Este tipo de material é muito raramente encontrado nas sepulturas, apenas em alguns túmulos meridionais - mesmo assim alguns destes são muito recentes - e em tumbas púnicas de Smirat. De qualquer modo, as análises feitas com estes fragmentos permite ligá-los à técnica que é atualmente utilizada na África do Norte: tiras coloridas lembram as túnicas dos mouros descritas por Estrabão (XVII, 3, 7) como “túnicas com grandes tiras”.

As fíbula são raras nas tumbas proto-históricas; fivelas para cintos, achado comum, foram introduzidas apenas em época romana. A vestimenta dos berberes típica seria composta por um pano retangular com um furo para a cabeça que era preso na cintura, às vezes um ombro ficava nu, também podia-se trazer um manto sobre este pano. Reconstituição feita a partir de pinturas parietais e afrescos egípcios. A diferença está no tecido, com estampas diferentes das conhecidas pelos egípcios. Os desenhos podem remeter à técnica do batik, ainda utilizada em algumas regiões da África do Norte. Nestas mesmas gravuras os chefes líbios portam uma ou mais plumas de avestruz nos cabelos.

Os líbios vizinhos do Egito portavam ainda, sob o Novo Império, o estojo fálico que quase todos os povos africanos já portaram ou ainda portam. Na África do Norte ele é reconhecido em algumas gravuras neolíticas. Não se sabe quando foram abandonados, nenhum texto antigo os menciona entre os berberes destas regiões.

As vestes de couro, túnicas com franjas que terminavam na forma de sino, são frequentemente representadas nas pinturas rupestres do Saara. Quem as usavam eram os criadores de cavalos, por vezes identificados com os Garamantes. As túnicas deste material são descritas por Heródoto (IV, 189), que acredita encontrar nelas as origens da égide de Atena. O texto de Heródoto é confirmado pelas pinturas rupestres, pelas túnicas que, há bem pouco tempo atrás, os touareg usavam e pelos fragmentos de couro encontrados com frequência nas sepulturas antigas do Saara. St. Gsell lembrava que ainda em época romana, vestimentas de couro faziam parte do comércio local pois figuravam nas tarifas duaneiras de Zarái. Acredita-se que as diversas menções feitas, nos textos antigos, a peles de animais fossem, então, na verdade, as túnicas ou mantos de couro.

Já nas representações de humanos e animais do Alto Atlas, a pele do animal não parece ser usada; os personagens aparecem vestidos de uma tanga bem curta ou de um tipo de manto feito com uma peça retangular; outras vezes a vestimenta cobre completamente o corpo, dos ombros aos joelhos.

A antiguidade do albornoz, este grande manto com capuz e sem mangas, foi comprovada pelas gravuras rupestres de época nômada, vizinhas das ruínas de Sigus, onde os personagens, dedicantes ou divinizados, usam esta vestimenta.

facas e dardos

As armas são muito raras nas sepulturas norte-africanas. Este fato é, por si só, significativo. Estes povos, que os romanos descrevem como “esquentados” e briguentos, não procuravam se cercar de suas armas como faziam os guerreiros celtas, germânicos e citas. Fora a tumba de Khroub, geralmente atribuída a Massinissa, que trouxe espadas, dardos e armas defensivas, cerca apenas de uma dúzia de monumentos proto-históricos diferentes trouxeram à luz armas. Estas são sempre facas (e não punhais) e pontas de dardos ou de lanças. As pontas de flecha em metal parecem não terem sido utilizadas pelos antigos norte-africanos. Algumas, de sílex, foram encontradas no túmulo de Zousfana, mas este fato é desconhecido mais ao norte.

No que concerne os armamentos a Arqueologia não vai contra os dados dos textos antigos, nem contra a etnografia. Nos textos os dardos e as facas são as armas normalmente atribuídas aos nômadas e aos mouros. O que se contrapõe às populações mais meridionais que usavam o arco e a flecha, na verdade desde o neolítico. Os garamantes, ou pelo menos, os criadores de cavalos e condutores de carros do Fezzan e do Tassili'n'Ajjer, pelo menos usavam dardos. Os garamantes provavelmente estavam ligados às populações berberes do norte e não aos etíopes, que se armavam com o arco (Estrabão, XVII, 3, 7). A descrição de Estrabão dos dardos, ferro largo e curto, no entanto, vai contra o que a Arqueologia tem encontrado nos túmulos do Marrocos e da Argélia ocidental, que são dardos de ferro estreito e longo.

As facas podem ter sido simples instrumentos e não armas: é interessante notar que elas têm apenas um gume, como as armas brancas dos berberes fabricadas na África do Norte. A espada só é mencionada pelos autores antigos como arma dos africanos para uma época tardia. Já nas grandes estelas indígenas, quase menires, do oued Khanga, espadas são representadas junto com dardos (guerreiros os portam). Acredita-se que devam ser objetos trazidos pelos fenícios. As espadas aparecem em estelas púnicas do El-Hofra (com escudo e dardo). Uma última arma que aparece nas estelas púnicas e nômadas é o escudo redondo, feito com couro de elefante, ao que parece, e que Estrabão atribui aos mouros e aos masesilos.

Armas depositadas nas sepulturas da Argélia ocidental e do Marrocos oriental

As sepulturas proto-históricas que trazem armas são agrupadas, em termos de localização, no oeste da Berberia, desde o Bas Chélif até o Médio e Grande Atlas, precisamente numa região onde a cerâmica é bem menos frequente.

Na Tunísia e na Argélia oriental, isto é na região dos massilos, encontrou-se apenas três facas: em Dougga, Aïn el-Bey e Fedj M'zala; e mesmo assim estes objetos podem ter sido utensílios e não armas. Na Argélia ocidental, onde as escavações foram menos frequentes, encontrou-se dardos nas sepulturas de Djidiouïa, Matemore, Trembles e Aïn-Sefra; facas em Kléber e Télagh; a escavação da necrópole púnica da ilha de Rachgoun também revelou dardos e facas. No Marrocos, que ainda está muito mal explorado arqueologicamente, armas foram achadas na província oriental: em Oujda, Berguent, Taza, Erfoud e Tazarine. Talvez possa-se tirar alguma conclusão da diferença existente entre o leste e o oeste da Berberia. Para uma população camponesa do leste, contrapõe-se uma outra, mais belicosa e menos ligada à terra, no oeste?

Entretanto, sabemos (a partir da iconografia) que os nômadas da Argélia oriental e da Tunísia possuíam as mesmas armas que encontramos nas sepulturas dos mouros (Estrabão, XVII, 3, 7 também coloca esta igualdade de armas no seu texto, para os masesilos, maurúsios e, de maneira geral, todos os líbios).

A falta de uma boa cronologia, por outro lado, não permite a afirmação de que as sepulturas do oeste, que possuem as mesmas armas, sejam contemporâneas às grandes sepulturas megalíticas do leste. O que pode-se afirmar é que os antigos berberes do oeste tinham ritos funerários diferentes dos berberes do leste. Estes últimos depositavam em suas sepulturas vasos e alguns objetos de adornos, e ocasionalmente, instrumentos agrícolas, já os primeiros, habitantes das regiões mais áridas da Argélia ocidental, do Marrocos oriental e do Tafilaleet não colocavam, a não ser raramente, vasos para seus mortos e preferiam lhes dar armas, para protegê-los do outro lado. Preocupações culturais tão diferentes devem representar tipos de vida diferentes. De fato, ao nos dirigirmos para o Marrocos atlântico e para suas planícies mais férteis, as armas desaparecem das sepulturas e a cerâmica volta a aparecer.

oferendas funerárias e criação

A Arqueologia proto-histórica, apesar de todos os problemas que enfrenta, permite-nos vislumbrar a existência de diversos grupos de populações habitando o Magreb: os sedentários, essencialmente cultivadores; os nômades, nas regiões de estepes ao sul; e outros, particularmente na região de Orânia e no Marrocos oriental, que parecem ter sido belicosos e não terem praticado muito a agricultura.

As antigas populações da Orânia e do Marrocos oriental deveriam viver de seus animais. De fato, algumas sepulturas trazem restos de oferendas funerárias sob a forma de ossos de animais. Eram oferendas simplesmente alimentares? É possível; entretanto, a descoberta de ossos de cavalos (e não de esqueletos inteiros destes animais) em c. de meia dúzia de necrópoles permanece um mistério, pois nenhum texto antigo menciona que os africanos comessem carne de cavalo. O mais provável é que algumas dessas oferendas tivessem um caráter simbólico. Simbólicos também seriam os pássaros, em grande quantidade e que são vistos com frequência representados nas estelas funerárias dos primeiros séculos da era cristã, era esta que ainda carregava diversas crenças religiosas púnicas.

Com relação ao gado, ele é representado por carneiros ou cabras e, sobretudo, por bovinos. Estes últimos são particularmente raros nas sepulturas do leste (Tunísia e Argélia oriental), parecem ter sido numerosos na Argélia ocidental, nas regiões onde hoje em dia eles são encontrados em grande quantidade. Estelas encontradas em Djorf Torba, nos confins algero-marroquinos, a oeste de Colomb-Béchar, trazem representações muito boas, uma delas mostra uma vaca sendo ordenhada e tendo ao lado o bezerro, de maneira análoga de como ocorre hoje em dia. O interesse maior desta cena não reside no fato dela mostrar a prática da criação já na Antiguidade, nem de ter sido encontrada em uma região que, hoje em dia, é desértica. Reside sim na prova da fixação, desde um período tão recuado, de práticas que estão presentes até hoje entre os criadores berberes.

Infelizmente, não é possível datar com precisão estas estelas - na verdade como na maioria dos achados proto-históricos. Por outro lado, a existência de cavalos nas gravuras de Djorf Torba, apontam para uma datação do começo do 1º milênio a.C. Já a representação de frente dos personagens, que carregam dardos, e as inscrições líbicas que trazem, datariam estas estelas bem mais tardiamente. De qualquer forma, as pinturas parecem ser mais recentes do que as gravuras.

G. Espérandieu acredita que os cavalos representados eram orientais e não cavalos da Berberia, o que tenderia a “rejuvenecer” mais ainda gravuras e pinturas. No entanto, as condições geográficas possíveis para criação de cavalos e gado, nesta área que hoje em dia é desértica, só podem ter ocorrido em um período bem recuado.

Concluindo, a criação de cavalos e gado, que havia sido tão importante no neolítico, em regiões que hoje são desérticas, era, alguns séculos a.C., ainda muito difundida até em áreas bem meridionais como Aïn-Sefra e Aïn el-Hamara.

Paulo Orósio (*Adversus Paganus*, IV, 3, 9) escreveu que os líbios vizinhos dos territórios púnicos possuíam bois suficientes para que Amílcar tivesse confiscado 20.000 cabeças na metade do século III a.C. Se não encontramos com frequência partes de bois nas sepulturas, não era porque eles não os criassem. Poderia haver alguma espécie de interdição alimentar para com esses animais, já que eles seriam animais de trabalho. Este fato (a necessidade de utilizá-los no trabalho) teria criado um caráter sacro-santo, nestas regiões, com relação aos bois. Heródoto (IV, 186) fala que os líbios da Cirenaica não comiam carne de vaca por respeito à deusa Ísis (ou melhor Ísis-Hathor). De qualquer modo, à oeste estas crenças não existiam com certeza, pois a criação de bois parece ter servido principalmente à alimentação. Sendo que este postulado baseia-se na crença de que o que vale para os defuntos vale para os vivos.

A criação de carneiro era conhecida desde o neolítico. Encontramos ossos de carneiro de maneira igualitária geograficamente pelas sepulturas da Berberia, sendo que em número de achados a quantidade de sepulturas com esses ossos é pequena (oito exemplos são conhecidos). Já o número de sepulturas com ossos de bois é também de apenas 14 (contudo, que nem todas as escavações foram publicadas). De qualquer modo, estes números seriam extremamente fracos para uma população que ficou conhecida para nós, através da tradição literária, como sendo de pastores.

Seguindo Gsell, G. Camps admite que a caça era um meio de sobrevivência muito importante para esta população. Nas sepulturas (uma dúzia delas mais ou menos) encontramos restos de animais herbívoros, como antílopes e o oryx, além de gazelas e raposas. Apesar do achado raro de alimentos de carne nas sepulturas, particularmente no leste da Berberia, os antigos africanos depositavam as cerâmicas que continham, no início pelo menos, os alimentos dos defuntos. Mais tarde, estes vasos passaram apenas a simbolizar a oferenda alimentar, antes de se tornarem simples objetos votivos ou rituais. De todo modo, estes pratos, tigelas e taças serviam também para os mingaus de cereais. De fato, estes mingaus representam, hoje em dia, o grosso da alimentação dos magrebinos rurais.

Traços de uma organização social

O estudo das práticas funerárias permite vislumbrar uma população sedentária, camponesa, em várias áreas do Magreb, particularmente na região oriental que será assimilada ao reino massilo, e também nas planícies atlânticas do Marrocos onde se constituirá o poder mouro. A arqueologia proto-histórica aponta para a existência de uma estrutura social evoluída que ainda se faz precisar. A própria existência de tumbas de grandes proporções supõe a necessidade de se arregimentar um número considerável de trabalhadores, voluntários ou contratados, súditos ou prisioneiros mobilizados para glorificar a memória de algum poderoso.

os grandes montículos de Rharb (Marrocos)

Os homens agrupados em um clã ou grande família sempre tiveram chefes, e os poderosos sempre tiveram, na falta de grandes palácios, moradas eternas para seus despojos. Não podemos negar as dimensões extraordinárias de alguns montículos no noroeste do Marrocos, dentre os quais um, ao menos, o de Sidi Slimane, é datado do IV-III século a.C. Ele media, antes de sua destruição, 47 m de diâmetro, mas era menos grandioso do que o de Mzora, que com certeza era mais antigo e não tinha menos de 56 m. Um outro, na região de Rharb, em Bou Mimoune, tem um diâmetro de 100m e sua altura atual é de 16 m; ainda um outro, na mesma região, possui um plano retangular, seu comprimento é de 90 m, sua largura ultrapassa 30 m e sua altura é de 8 m.

As pessoas para as quais foram feitos tais monumentos não podem ter sido meros chefes de tribos. Confederações importantes, se não mesmo reinos, já estariam formados no Marrocos desde o século IV a.C. No próprio coração da cidade, que seria uma das capitais de Juba II e a capital do Marrocos romano, Volubilis, um enorme túmulo de 40 m de diâmetro e ainda com uma altura de 5 a 6 m parece ter servido de pólo atrativo para os habitantes da região, antes da construção da cidade. A importância do personagem sob o túmulo era tão grande que uma crença religiosa fez com que o monumento ainda fosse respeitado mesmo em época romana. Os engenheiros romanos preferiram desviar um aqueduto, e todo o espaço ao seu redor e no seu pico não foram utilizados durante os dois primeiros séculos de ocupação romana.

o Medracen

Com exceção da tumba “da Cristã”, provavelmente a tumba de Boco e, de qualquer modo, posterior à época de Massinissa, será somente no leste da Argélia que voltaremos a encontrar monumentos com dimensões semelhantes às dimensões dos montículos do Marrocos atlântico. O Medracen, mausoléu construído seguindo o modelo das “bazinas”, com base cilíndrica, mede 59 m de diâmetro. Sua edificação, datada por Gsell do século III a.C., deve ter exigido outros meios de construção em comparação com os meios utilizados pelos grandes túmulos marroquinos já mencionados. Para Camps ele não pode ter sido construído que senão por uma família reinante ou um rei que possuísse ligações estreitas com os cartagineses. No período romano chamava-se de *lacus regius* a *sebkha* vizinha e sabemos que o monumento retirou seu nome atual de um dos ancestrais legendários dos berberes: Madghêes (Madrês).

O príncipe para quem foi erigido esta tumba estendia sua autoridade sobre um verdadeiro reino que cobria a Argélia oriental e o oeste da Tunísia - que nós chamamos de reino massilo. Camps coloca então a questão: ou será que seu poder não foi conquistado em alguma batalha e foi efêmero e sua dinastia curta? A situação deste príncipe parece-nos um tanto extraordinária se levarmos em consideração o que conhecemos acerca das províncias massilas anteriormente a Massinissa. Por outro lado, a necrópole que se formou ao redor do Medracen aponta para a existência de uma dinastia de longa duração.

Há ainda um monumento muito pouco conhecido chamado “bazina à déambulatoire” de Djebel Meimel (região de Ain M'lila), que mede c. 70 m de diâmetro e seria posterior ao Medracen. Outros dois grandes montículos do vale do La Meskiana, mediam 53 e 55 m. O fato fica que não se conhece nenhum príncipe ou chefe que possa ser identificado com nenhum dos túmulos mencionados. Isto antes da chegada de Massinissa. Este fato vai de acordo com as observações feitas acerca das necrópoles proto-históricas e seus achados funerários. A Argélia central e ocidental e o Marrocos oriental formam um verdadeiro hiato entre duas regiões onde se formaram, bem cedo, os embriões de reinos povoados por cultivadores. É sem surpresa que se encontra nestas duas regiões, que têm permanecido “berberofônicas”, um tipo de arado (*manche-sep*) que é considerado o mais antigo e o mais berbere.

as grandes necrópoles da Berberia oriental

As necrópoles megalíticas do leste são também prova da existência de uma organização social bem evoluída. Estas não trazem nem os túmulos espaçados do Magreb nem os monumentos do Marrocos atlântico. Estas imensas necrópoles, que lembram milhares de dólmenes, levam a crer na existência de um povoamento denso, e sobretudo, uma certa fixação destas pessoas e dos quadros sociais. São cemitérios de tribos ou de confederações de tribos e, na opinião de G. Camps, são as bases do futuro reino de Massinissa.

De fato, a agricultura, pelo menos do jeito que ela era praticada em Tazbent, necessitaria uma sólida organização social, o que teria favorecido o desenvolvimento do reino massilo. Se as cidades são ainda raras e o comércio restrito a trocas quase espontâneas entre as regiões das planícies e as das montanhas, há, já, algumas relações entre o exterior, isto é, com as cidades fenícias da costa. Deste modo, uma esfinge de bronze, que pelo estilo é datada do século IV a.C., foi encontrada em Tiddis; e fragmentos de cerâmica púnica também do século IV a.C. foram encontrados nos aluviões do Chelif, perto de Orléansville. Em Cirta, uma colônia fenícia estaria ali instalada desde o século III a.C., ao menos. No mesmo período, no Marrocos, as influências conjuntas dos púnicos e da Ibéria vizinha levaram à criação de um estilo cerâmico próprio, achados aparecem nos extratos mais profundos de Banasa ou de Volubilis e também nos grandes montículos do Rharb.
